

Questões e controvérsias sobre uma experiência de curso via Facebook¹

Ana Elisa Ribeiro

Departamento de Linguagem e Tecnologia
PPG em Estudos de Linguagens

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Title: *Is it Facebook a good space to be a teacher?*

Abstract: *Our social practices are configuring digital interactive spaces that are similar to non-digital spaces. The chats or the digital social networks profiles (like Orkut, Twitter, Facebook, just to mention a few of them) seems to serve to different interactional patterns in comparison to that ones in Virtual Learning Environments (VLE). For example, a frequent Twitter's user knows how to use this kind of profile, for a range of reasons, in a different way in a comparison with Facebook or an VLE use. In this paper, I discuss some literacy and interaction practices questions in relation with digital environments for "social uses", and not for "academic or scholarly uses". My focused environment is Facebook. In 2012, second semester, I decided to gave my classes (for a post-graduate course in a brazilian public school) in a restricted group on Facebook. Some problems with the institutional Moodle (and my desire of new experiences) lead me to this situation, what, initially, seems to be strange to my students. During three months, "New Literacies" – the discipline – were discussed in Facebook. The interactions between all of us – teacher and students – was registered there to base my discussion here. Beyond the data saved by the platform, there is that ones generated by a questionnaire answered by the students after the classes. Digital literacy and the interaction social practices/technologies/environments are relevant elements to this debate about a successful experience (that is what I consider, at the end) of literacy.*

Keywords: *Facebook. Social Networks. Digital Literacy.*

Resumo: *As práticas sociais têm configurado espaços de interação, em ambientes digitais, mais ou menos análogos a espaços não-virtuais. Os chats ou os perfis de redes sociais (Orkut, Twitter, Facebook, para citar as mais populares) parecem servir a padrões interacionais distintos daqueles*

¹ Este trabalho foi preparado para o Simpósio temático "Multiletramentos, gêneros digitais e tecnologias interativas na escola e na vida", sob a coordenação das professoras Roxane Rojo e minha, no VII Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – SIGET. Os gêneros textuais/discursivos nas várias esferas da atividade humana, em Fortaleza, de 3 a 6 de setembro de 2013. O texto derivado da apresentação oral é este, inédito até então.

solicitados ou configurados em, por exemplo, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Um usuário contumaz do Twitter sabe que o utiliza, por diversas razões, de modo diferente do que faz com sua conta de Facebook ou seu perfil em um AVA. Neste trabalho, coloco em discussão questões de letramento e de práticas de interação em um espaço virtual a que geralmente se atribui um uso "social", e não um uso "escolar": o Facebook. No segundo semestre de 2012, decidi ministrar uma disciplina de especialização oferecida por uma escola pública federal no Facebook, em um grupo fechado. Algumas ocorrências com o Moodle e minha vontade de experimentar me levaram a fazer essa escolha, que, inicialmente, pareceu estranha aos alunos. Ao longo de três meses, a disciplina Novos Letramentos ocupou o Facebook e as interações lá ocorridas e registradas me servem de base para esta discussão. Além dos dados salvos pela plataforma, há ainda aqueles gerados por um formulário/questionário respondido, posteriormente, pelos alunos. Letramento digital e a interação entre práticas sociais/tecnologias/ambientes são elementos relevantes para esta discussão, que considera bem-sucedida a experiência de letramento propiciada pela proposta.

Palavras-chave: Facebook. Redes Sociais. Letramento Digital.

Contextualização

As práticas sociais têm configurado – flexíveis e móveis – espaços de interação, em ambientes digitais, mais ou menos análogos a espaços não-virtuais. Por exemplo, nos *chats*, costumamos conversar de modo bastante informal; nos *e-mails*, podemos ser mais formais e enviar um texto mais planejado, já que a ferramenta é assíncrona; nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), como o Moodle ou o Teleduc, atuamos e temos expectativas ligadas ao ensino e à aprendizagem, mantendo interações com professores, tutores e colegas. Mas os cenários não são assim tão simplesmente distintos.

Longe de serem ambientes homogêneos, os *chats* têm perfil variado, podendo servir tanto para o bate-papo e a paquera informais quanto para entrevistar um político ou um professor importantes. Júlio César Araújo, professor e pesquisador da Universidade Federal do Ceará, tratou disso em diversos trabalhos, mas especialmente em sua tese (2006), em que abordou as “constelações de gêneros”, aspecto em que não

vamos nos ater aqui². De modo semelhante, os *e-mails*³ podem ser produzidos de diversas formas, empregando múltiplos tons, sendo que, na atualidade, a ferramenta conta com um *chat*, em grande parte dos servidores web⁴. A seu modo, os AVAs também oferecem funcionalidades variadas na mesma tela (*chat*, fórum, mural, etc.), além de poderem ser configurados conforme o perfil institucional ou do curso a ser ofertado. São ambientes cujas funcionalidades retomam os elementos das interações em sala de aula, como murais, quadros-negros, mensagens privadas, mensagens para todos, fóruns, avaliações preconfiguradas, relatórios de frequência, etc.

E o que se diz de uma rede como o Facebook? A começar pela questão que a própria ferramenta propõe (“No que você está pensando?”⁵), o ambiente tem sido usado para interações informais, entre “amigos” que se conhecem pessoalmente ou não.

Neste texto, trato, menos detidamente do que gostaria, da maneira como temos interagido e negociado em certos ambientes, conforme nossos entendimentos sobre a ferramenta, o ambiente ou as razões que nos levam a interagir por ali. Mais exatamente, focalizo as questões levantadas por alunos de especialização que cursaram uma disciplina a distância, via Facebook, embora esperassem usar o Moodle institucional para cursá-la.

Algumas dúvidas/curiosidades e certos pressupostos me guiaram nesta breve investigação:

-
- ² A tese pode ser baixada em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=34946. Acessado em 6.6.2014.
- ³ A professora Vera Menezes pesquisou muito a ferramenta. Ver Paiva (2004), por exemplo.
- ⁴ Importante lembrar que as ferramentas *e-mail* nem sempre foram como se apresentam hoje. Houve um tempo em que os provedores de acesso as controlavam; havia programas que baixavam os *e-mails* (Eudora, Outlook Express, etc.), isto é, os *e-mails* não eram web ou em nuvem; não havia *chats* acoplados aos campos de mensagem nem sinalização de quem estava on-line. Como sabemos, a cibercultura também tem sua história.
- ⁵ As perguntas já foram outras. Esta é a versão que vige em 2014, ainda.

- [a] Se os estudantes da especialização esperam empregar o Moodle para cursar uma disciplina, como reagirão ao serem convocados a cursá-la no Facebook?;
- [b] O que é o Moodle, para os estudantes, em relação às expectativas de interação?;
- [c] O que é o Facebook, para os estudantes, também em relação às expectativas de interação?;
- [d] Quais são as reações dos alunos à experiência com aulas no Facebook?;
- [e] Se o Facebook oferece boas funcionalidades para um curso a distância, qual é o motivo do estranhamento dos alunos?

Os chats ou os perfis de redes sociais (Orkut, Twitter, Facebook, para citar as mais populares) parecem servir a padrões interacionais distintos daqueles solicitados ou configurados em, por exemplo, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Pensando apenas em “redes sociais”⁶, um usuário contumaz do Twitter sabe que o utiliza, por diversas razões, de modo diferente do que faz com sua conta de Facebook ou seu perfil em um AVA. Não é à toa que as pessoas mantêm perfis em diversas redes, isto é, a percepção geral dos usuários parece não ser a de uma concorrência. No entanto, os usos e as apropriações feitas pelos usuários tanto caminham junto com as funcionalidades da rede⁷ quanto alteram a oferta de funcionalidades. Melhor explicando: o Twitter e o Facebook, por exemplo, mudaram bastante, ao longo do tempo, em grande parte para atender aos usos e necessidades dos usuários, conforme eram informados por algoritmos e pelas práticas das pessoas nas redes. Um exemplo bastante emblemático é a existência, recente, na história do Twitter, do botão de “retweet”, inexistente nas primeiras versões.

⁶ A professora Raquel Recuero vem estudando redes sociais na internet há bastante tempo, embora com base e foco em outras questões. Para conhecer alguns trabalhos, ver Recuero (2009) e Recuero (2012).

⁷ Permite formação de grupos fechados? Há controle de “seguidores” ou “amigos”? Há mensagem direta ou Inbox? Há *chat*? Há como não estar visível no *chat*?, etc.

Dado que o usuário preocupava-se em retuitar, isto é, repassar palavras dos outros, citando-os e acusando autoria original, “manualmente”, inclusive criando códigos e siglas amplamente conhecidos (RT, MRT, etc.)⁸, a ferramenta se ajustou aos usos e, em novas versões, apresentou um botão que automatiza essa ação. Eventos similares ocorreram em outras ferramentas, para outras funcionalidades, o que nos apresenta, portanto, um cenário muito interessante e dinâmico das interações na web.

Neste texto, coloco em discussão questões de letramento e de práticas de interação em um espaço virtual a que geralmente se atribui um uso “social”, e não um uso “escolar”⁹: o Facebook. Nesta experiência, é possível uma aproximação ao debate sobre os letramentos na escola e na vida, especialmente quando o que se propõe é que esses dois “espaços” de interação se misturem, se confundam e se atravessem.

Quando, no segundo semestre de 2012, ministrei uma disciplina semipresencial de especialização oferecida por uma escola pública federal usando o Facebook, prefigurei a reação dos alunos e decidi por observar as ocorrências relacionadas a isso, de forma a melhor compreender e registrar as representações que todos tínhamos sobre as interações em relação com os ambientes em que elas ocorrem.

Percurso metodológico

No segundo semestre de 2012, um dos cursos de especialização na área de linguagem, de uma escola pública federal, contava com uma disciplina semipresencial em sua matriz curricular. Tratava-se de “Novos Letramentos”, uma “matéria” obrigatória, em que todos os alunos se matriculavam, mesmo quando não eram ainda usuários de redes sociais ou ferramentas digitais. Não havendo escolha, mesmo aqueles que

⁸ *ReTweet*, quando simplesmente repassamos a mensagem; *Modified ReTweet*, quando fazemos alguma alteração na mensagem e a repassamos, etc.

⁹ O par “social”/“escolar” merece discussão, mas está fora do escopo deste trabalho. Tratamos assim para fins de simplificação das explicações.

sequer usavam contas de *e-mails* viam-se diante do desafio – e da oportunidade – de experimentar uma disciplina, em parte, virtual.

Mesmo a instituição oferecendo o Moodle para a execução de disciplinas on-line, em muitos cursos, de diversos níveis, por razões burocráticas e pessoais, optei por fechar um grupo no Facebook (uma funcionalidade bastante oportuna) e convocar os alunos a acessarem a primeira metade da disciplina por ali¹⁰. As questões que sobrevieram foram as seguintes: Espaços cruzados ou atravessados? E se nem todos quiserem ter contato virtual com a professora? Quais seriam os limites e as fronteiras entre as interações sociais de amizade e intimidade e as interações escolares, inclusive com a docente?

Todos os alunos responderam ao chamado, sendo que alguns ainda não eram usuários frequentes do Facebook. Conforme a Fig. 1, a rede social mais famosa do mundo oferecia todas as funcionalidades que considerávamos necessárias e interessantes para o andamento do curso:

FIG. 1. Adaptada do perfil da pesquisadora.



¹⁰ Originalmente, tratava-se de uma disciplina totalmente on-line, mas a experiência difícil de turmas anteriores nos fez (a nós, professora e coordenadores) voltar atrás (será?) e torná-la uma disciplina semipresencial. Isso pareceu confortável para a maior parte dos alunos, mas um tanto frustrante para nós, que tínhamos o intento de oferecer uma experiência que entendíamos necessária para a formação atual de professores.

Era possível conversar com todos em tempo real; enviar mensagens privadas ou coletivas, por uma caixa reservada, como em um *e-mail*; postar mensagens para todos no mural; comentar e ler comentários às postagens; publicar links, arquivos em vários formatos (doc., pdf., ppt., etc.), além de música e vídeo.

No entanto, o Facebook é entendido como uma rede social onde as pessoas interagem “socialmente”, e não “escolarmente”. Isso foi o que me pareceu quando fiz a proposta aos estudantes. Em um AVA, todos teriam mais ou menos as mesmas funcionalidades, só que em uma plataforma entendida como “escolar”, e não “social”. Esse foi o “par” que emergiu das reações dos estudantes.

Embora eu tivesse acesso aos comentários dos alunos enquanto iniciávamos a experiência, enviei um questionário (via Google Disco/Docs, em um formulário on-line), para coletar as impressões de todos, de forma mais sistemática, sobre a execução de uma disciplina no FB (Ver apêndice).

Discutindo os resultados

A discussão em torno das representações que os estudantes fizeram em relação a ter aulas pelo Facebook será feita com base nas respostas que eles deram ao questionário aplicado on-line. As questões eram simples e buscavam obter impressões e sentimentos sobre a experiência, de forma anônima. Vejamos em subitens:

A primeira reação à ideia de fazer uma disciplina no Facebook

Ao menos duas impressões conflitantes emergiram desta discussão. Enquanto a maioria dos estudantes reagiu positivamente à convocação para uma disciplina no Facebook, outros tiveram reação negativa, inclusive rejeitando a proposta. Alguns depoimentos do primeiro tipo são¹¹:

¹¹ Os depoimentos foram redigidos exatamente como estão. Optamos por não interferir na escrita dos alunos.

“Achei ótimo! Pois, é uma ferramenta que todos tem acesso fácil para entretenimento e agora serviria, também, para os estudos.”

“Achei super interessante e inovador... educação é isso, utilizar diversas ferramentas que proporcione o aprendizado.”

“A principio achei que poderia ser interessante.”

“Fiquei curiosa e ao mesmo tempo achei que seria uma boa oportunidade de experimentar um novo ambiente de aprendizagem.”

“Gostei da idéia já que nos dávamos bem com o grupo antigo e já que eu mesma uso o facebook com meus alunos semi-presenciais.”

“Excelente!!! Utilizar uma plataforma tão diferente para aprendizado me pareceu uma boa ideia.”

Destacamos, aqui, considerações dos estudantes quanto à facilidade de acesso, à frequência no Facebook (o que poderia facilitar a interação), à abertura para a experiência, a experiências anteriores deles mesmos com seus alunos. No entanto, queremos focalizar com mais cuidado os depoimentos em que os estudantes consideram o Facebook (com meus grifos) *“uma ferramenta ... para entretenimento e agora serviria, também, para os estudos”* e *“uma plataforma tão diferente para aprendizado”*.

Essa distinção parece fundamental, isto é, trata-se de uma espécie de atribuição de sentido que nos ajuda a todos a classificar e a interagir, em determinados ambientes. O entretenimento e os estudos, claramente, não ocupam os mesmos espaços, nas percepções dos estudantes. Onde há diversão, não há escola (e vice-versa?). No entanto, é interessante verificar a possibilidade de fusão, apontada pela primeira aluna, em direção a uma convergência viável (e aceita) entre espaços de entretenimento e estudo, em um só ambiente.

Outros estudantes tiveram reações negativas à apropriação do FB para cursar uma disciplina de especialização:

Eu não gostei. Porque, quando eu entro no face é para me distrair e não estudar 'obrigatoriamente'.

Não muito boa, pois prefiro aulas presenciais.

Não tenho muita paciência de ficar muito tempo em frente ao computador.

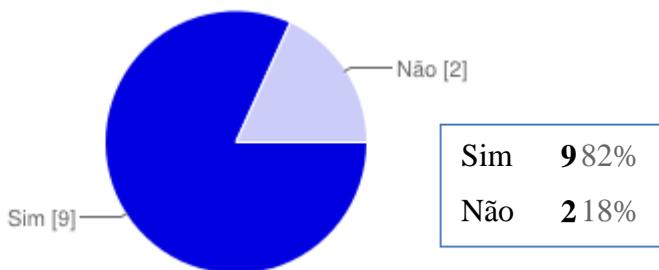
Preocupe-me dos colegas fugiram por demais do assunto proposto. Isso porque ele é utilizado por muitos como um depósito de lamentações ou reflexões sobre a 'pequena vida'. Essa era minha preocupação! Que as coisas não se desenvolvessem em discussões pertinentes ou proveitosas.

Cursos on-line dificultam ou facilitam fraudes? e a interação aluno-professor? aluno-aluno? de que maneira se dão?

Mais uma vez, entrar no *face* é sinal de *distração*, e não da obrigação de estudar. Era como se a disciplina pudesse distorcer o ambiente, trazendo para ele aspectos escolares indesejados naquele espaço. No entanto, parte dos depoimentos aponta questões relevantes, que não dizem respeito ao Facebook ou aos AVAs, mas às dificuldades das pessoas com a educação a distância, p. ex., quando os alunos dizem que preferem aulas presenciais ou que não têm paciência de “ficar muito tempo na frente do computador”, o que torna um curso semipresencial bastante incômodo.

De toda forma, é importante saber que, conforme resultado da questão 3 do questionário, a maioria dos estudantes sabia que estava cursando uma especialização em que eram oferecidas disciplinas virtuais (Fig. 2).

Figura 2. Consciência dos estudantes quanto à modalidade semipresencial de algumas disciplinas.



Uma segunda impressão sobre cursar disciplina no Facebook

Ao longo da disciplina ofertada, outras percepções sobre o curso on-line foram se formando. Se as primeiras reações foram de estranhamento ou de aceitação plena, no decorrer do curso, a experiência foi se mostrando muito rica, conforme se nota em alguns comentários:

Pensei que seria fácil... Mas ao decorrer da disciplina não me organizei o suficiente e acabei me confundindo e até passei a achar complicado desvencilhar o entretenimento das atividades da disciplina.

O ambiente FB sempre foi pra mim um lugar de entretenimento, de troca de informações rasas, uma forma de, talvez, manter contato com pessoas que algum dia fizeram parte do meu dia a dia... Confesso que ainda resisto um pouco em admitir que esta pode ser uma ferramenta que auxilie no processo ensino/aprendizagem.

Eu vejo o facebook como um espaço onde as coisas acontecem naturalmente. Ou seja, se eu quiser criar um grupo para discutir algum tema, tudo bem. Porém ele será espontâneo e não obrigatório. Um outro problema que pra mim é sério é a forma de avaliação. O que será avaliado? Como será avaliado? Por exemplo, uma vez eu fiz um comentário sobre um tópico que a própria professora escreveu e ninguém falou nada, inclusive a professora. E em

comentários posteriores foi cobrado que se respondesse a pergunta. Então eu fiquei pensando: Será que ninguém viu o que eu escrevi? Será que eu posto novamente? Se vai valer ponto (foi dito em uma aula presencial) o número de comentários e não a qualidade, então nesse ponto eu fiquei prejudicada. Enfim, o facebook não tem uma sistematização para avaliação e se o que for avaliado será apenas a parte quantitativa da página da disciplina então será uma página sem qualidade acadêmica. E isso não se justifica em um processo educativo.

Fiquei ansiosa para conhecer pessoalmente a professora, ter uma aula presencial antes da virtual, o que não ocorreu. Pensei... essa professora é "legal demais"!!! Mas, sera que vou dar conta de acompanhar e realizar o que é proposto?

Plataformas como o Moodle passam a sensação de engessamento. O Facebook já é uma ferramenta mais popularizada e com isso, diminui-se o trabalho de aquisição das habilidades necessárias para sua utilização.

Senti que seria uma forma mais simples de comunicação com o professor

Pensei que era uma ótima idéia já que o moodle é um espaço onde a interação entre os estudantes não se dá de forma tão efetiva e fluida como no facebook (que é uma ferramenta criada com este objetivo: interação)

Tais comentários fazem refletir sobre alguns pontos levantados pelos estudantes: a mescla entre entretenimento e estudo; autonomia e disciplina; avaliação; relação entre ambiente e tipo de interação. Esses são, afinal, os pontos que motivaram este trabalho, desde a origem.

Note-se que, no decorrer do curso, os alunos ainda se confundiam quanto à mistura – que os incomodava, afinal – entre estudo e lazer. Também havia questões como a vontade de conhecer, pessoalmente, a professora e a fluidez atribuída à interação no Facebook, mais do que seria possível em um AVA

dedicado. O ponto mais relevante, no entanto, pareceu as questões de avaliação levantadas por uma aluna. Ao mesmo tempo que as interações no FB eram julgadas, por muitos, como mais ágeis e mais fluidas, também deixavam dúvida quando se mesclavam à situação escolar ali vivida. Isto é: as conversas eram obrigatórias (não havia opção de não participar daquele grupo, sem punição, – ausência/frequência) e deviam estar sempre registradas por meio de comentários ou *posts*¹². A cobrança da aluna quanto ao comentário de colegas e professora se justifica se pensarmos dinâmicas de sala de aula, na aula expositiva dialogada ou na expectativa – sempre ampliada – de um *feedback* (que não veio). Por outro lado, o paradigma da avaliação se altera, nesta situação. Como avaliar conversas, comentários e *posts*? Atribuindo-se pontos?

É bastante comum, em sites e blogs ou mesmo em webjornais, que as classificações sejam feitas por meio de ranqueamentos e atribuições de relevância pela própria comunidade¹³. Esse expediente, no entanto, muda os parâmetros normalmente conhecidos de avaliação na escola. O questionamento da aluna passa tanto pela qualidade quanto pela quantidade das coisas que ela postava. O incômodo quanto à falta de clareza nisso, no entanto, indicia uma interessante movimentação pelo campo dos modos de ensinar e aprender.

O facebook proporcionou alguma discussão sobre o tema, porém diversas pessoas comentavam em sala que se sentiam perdidas e não sabiam o que comentar no FB. Mas, como tinham que comentar... escreviam as vezes sem entender muito bem o que escreveram e esperavam uma intervenção (correção) do que disseram e isso não ocorria.

¹² *Post* é o nome, em inglês, dado aos textos e imagens, de variada natureza em termos de gênero e tipo textual/discursivo, que são publicados em templates desse tipo de sistema, isto é, blogs, Facebook, Twitter, etc. Trata-se de um termo genérico que já foi apropriado pelos usuários. Em português, há conjugação para “postar”.

¹³ No Brasil, há alguns anos, o site Overmundo ficou conhecido por esse tipo de dinâmica colaborativa. O Ohmynews era mundialmente conhecido.

O que era esperado? O que ocorreu?

Enquanto alguns estudantes esperavam facilidades de acesso e entrosamento maior do grupo, pelo Facebook, outros levantavam questões mais amplas. Tanto houve decepção quanto houve surpresa boa entre os participantes. Se alguns confirmaram suas melhores expectativas, outros repensaram suas visões do ambiente. Foram mencionadas palavras como *colaboração*, *dinamismo*, *entrosamento*, *acesso*, *compartilhamento*, *discussões*, *participação*, *interatividade* e altas cargas de leitura. Todas essas palavras vinham juntas de uma expectativa de ampliação e de abundância, o que nem sempre ocorreu, de fato, simplesmente porque isso depende da comunidade, como percebe uma estudante: “Esperava discussões constantes, visto que grande maioria dos alunos passam muito tempo no facebook”.

Ainda assim, note-se, nos comentários destacados a seguir, uma percepção do ambiente como arquivo apenas (para a postagem dos textos). A possibilidade da discussão on-line é, posteriormente, reconhecida como positiva pela aluna, ao mesmo tempo que outra estudante aponta a dificuldade de alguns colegas em compreender certos assuntos (complexos) apenas nos debates digitais.

Esperava que não tivéssemos discussões sobre os textos da disciplina. Pois, como fiz poucos cursos on-line, imaginei que seria apenas um ambiente onde poderia ter acesso aos textos da disciplina e onde postaria as atividades o que realmente poderia ser "chato" com o passar do tempo. E tenho que reconhecer que, realmente, essa discussão facilita muito o entendimento.

Eu esperava que iríamos discutir sobre letramento e principalmente sobre letramento digital. E isso aconteceu. Parabéns! Porém, eu percebi que na sala muitos alunos nunca tinham ouvido falar em letramento e sentiram bastante dificuldade para entender o assunto.

Mais avaliações

A experiência no Facebook, nesta disciplina, era a primeira para a maioria dos estudantes. As avaliações do que ali ocorreu divergem bastante, mas as que mais marcam são também aquelas em que há argumentos contra a dissolução dos limites entre escola e diversão, muito em razão de haver práticas já bastante consolidadas de uso das plataformas digitais. Isto é: não é simples fazer propostas de letramento digital na formação de professores. É preciso lidar com crenças e experiências diversas, muitas vezes orientadas ainda à sala de aula convencional.

Veja-se o seguinte depoimento: “Eu não tenho grandes problemas com cursos online e uso das TICs, só não concordo de usarmos o Facebook da maneira que ele foi usado”. Esse tipo de reprovação ocorre também, com outras palavras, nos depoimentos de vários alunos e alunas. Os trechos a seguir têm destaques feitos por nós, com o objetivo de chamar a atenção para o incômodo dos participantes com a mescla de “papéis sociais” que estão relacionados, fortemente, ao ambiente em que um curso se dá:

À medida que o curso foi se desenrolando senti outra forma de desconforto: tenho de buscar entender nomenclaturas, conceitos próprios do ambiente on-line que desconhecia, ou que pelo menos, ignorava a possibilidade de serem utilizados formalmente, e ainda, aprender a manusear o ambiente FB além do postar fotos, clips e mensagens "faceboockianas".

O grupo é bom! percebi que no início as pessoas ficaram nos achismos mas logo se encontraram e utilizaram o espaço com mais critério, desenvolvendo as atividades.

Não é fácil quebrar com os padrões de passividade das aulas presenciais. No online, precisamos buscar dentro de nós uma autonomia imediata para organizarmos tempo, leituras, participação.

Não avalio como positivo o fato de o curso acontecer em um grupo criado pelos alunos. *Penso que seria menos confuso se houvesse uma outra página independente do próprio curso. De uma forma ou de outra o "clima" do facebook se infiltra nas postagens e acabamos por realizar posts que não se relacionam diretamente com o curso. Não tenho conhecimento de como impedir que as postagens cotidianas do usuário entrem na página, por isso, talvez continue necessário o uso do grupo dentro da página principal.*

Achei que não foi uma ferramenta 100% boa. O facebook eh uma ferramenta utilizada muito com fins de diversão e, portanto, ao entrar na discussão sobre as questões pautadas, a distração era fatal. Outro ponto é que se perde no meio do caminho. Diversas vezes perdi a linha e a vontade de ler todos os comentários pra poder colocar meu ponto de vista, ainda mais que na maioria das vezes que ia responder algo, usava o celular. Os comentários que já eram gigantes na tela do PC ficavam mais gigantes ainda na telinha minúscula do celular. Além disso, por ser um ambiente com o uso que é, a linguagem as vezes era confusa. Quando ia entrar em contato com a professora, não sabia se usava a linguagem informal do facebook ou a linguagem formal da academia ou mesmo conversava pessoalmente com a professora.

Eu fiquei um pouco confusa. Para mim o ambiente do facebook é informal demais para discussões muito aprofundadas. Seria melhor que colocássemos um resumo que os colegas poderão ler mas que não tivessem que gerar grandes discussões.

Quando opino fico em dúvida sobre que linguagem usar: formal ou informal? Fico apreensiva se outra pessoa vai comentar antes de mim e o meu comentário vai ficar desconexo, fico um pouco cansada de abrir o meu facebook e ter um monte de mensagens acadêmicas importantes quando era para ser só um momento de relaxar.

Como professora de língua estrangeira, uso o facebook para momentos mais lúdicos com o idioma. Não sei se o usaria em uma matéria acadêmica mais profunda.

O facebook não é um espaço confortável para a linguagem acadêmica.

Sua avaliação final, então?

Devido a certa redundância nas perguntas feitas aos estudantes, várias respostas apenas repetem ou explicam melhor o que eles já haviam mencionado. No geral, a avaliação final do curso com uso do Facebook para discussões e encaminhamentos não pareceu positiva. Ou ainda, há aqueles que consideraram uma excelente iniciativa, há os que trataram de sugerir o uso alternado com outros ambientes – AVAs dedicados – e há quem simplesmente não tenha aprovado a mescla a que o Facebook nos obriga.

Os depoimentos a seguir aprovam o FB para aulas, com algumas ressalvas ou comentários. Em grande parte, o ponto positivo destacado e considerado um diferencial notável da ferramenta é a possibilidade de contato contínuo entre colegas e professora, num curso que ocorre presencialmente apenas aos finais de semana. O ponto negativo continua bastante ligado ao fato de a rede ser “social” e os sujeitos terem um grande incômodo ao misturá-la com atividades acadêmicas:

Excelente. Os encontros da pós são semanais, por isso o facebook faz com que nos encontremos sempre, dia a dia. Muito boa, assim como qualquer outra ferramenta precisa ser orientada sua utilização: para quê e como deve ser feito os apontamentos e reflexões acerca das temáticas em discussão.

Positiva. Achei a interatividade (em discussões) entre os cursistas muito boa.

Sim. Inclusive, a partir da ideia desse curso, pensei em modificar uma formação remota que havíamos oferecido

via regional aos professores da eja, na forma de webinar via plataforma moodle, para o facebook. Como a maioria dos professores já possui conta no facebook, achei provável que certas resistências em aprender a lidar com uma plataforma nova diminuísse.

Não, pois apesar de ser uma ferramenta que possibilita o maior contato e interação com todo o grupo, durante o uso dela com fins de estudo, muitas vezes se perde o foco devido ao fato do uso desta ferramenta para o lazer.

Senti falta, como acontece no moodle, de uma intervenção maior do tutor nos comentários e réplicas. Isso pode ser devido a um ranço ligado a uma longa formação pautada em intervenções mais rígidas. (ainda em vigor na maioria das escolas!)

De 0 a 10 (pq eh mais fácil), dou 7 (...). Assim como toda disciplina a distância o Facebook exige organização e compromisso. Acredito que este nível de exigência é até maior que em outras plataformas, por ser uma ferramenta em que as pessoas acessam com mais frequência (e interesse, já que é uma rede social).

"confuso". Acredito que o ideal seriam as partes mais teóricas e acadêmicas no moodle e as partes interativas e informais no facebook. A professora poderia usar: "pessoal não deixem de escrever um resumo do texto pro dia tal no moodle" e várias pessoas curtem e logo um comenta: "ai, que saco." algo do tipo.

Quando se diz curso, pressupõe que teremos a sistematização de algum conteúdo. E o facebook não propicia elementos para que isto ocorra plenamente. Mas, nada impede que ele possa ser usado como um adicional de um curso presencial ou online.

Em um curso online que fiz pelo NAP - Núcleo Amigo do Professor- a tutora/professora criou uma página do no facebook, onde era possível discutir os temas, tirar dúvidas e continuar o contato com as pessoas mesmo

depois que o curso acabasse. Deu muito certo! Acredito que o caminho seja esse. O facebook apenas como suporte de um curso e não como AVA principal.

Onde um curso deve ser ministrado?

Já há fortes indicações, nos depoimentos dos alunos de “Novos Letramentos”, de que Facebook não é lugar de aula. A questão proposta para eles, então, era sobre onde os cursos deveriam ser dados, de forma mais ajustada e aceitável. As sugestões vieram logo e o Moodle foi o mais citado, em grande medida porque é o ambiente conhecido pelos estudantes, de outras ocasiões. Foram citados blogs e softwares, genericamente. Uma expectativa mais detalhada foi assim descrita:

Eu acreditava que aula ocorreria em um ambiente específico de aprendizagem, por exemplo o Moodle. E que teríamos objetos de aprendizagem, animações explicando algum conteúdo. E depois faríamos as discussões propostas no face.

Olha, pra falar a verdade, como nunca tinha feito uma aula virtual, nao esperei muita coisa, achei tudo novidade.

O que é e o que não é adequado nas funcionalidades do FB?

Mas o que, exatamente, foi considerado em relação às funcionalidades do Facebook? O que é bom e o que não funciona para a finalidade acadêmica? As respostas dos estudantes propiciaram a produção do seguinte quadro:

Quadro 1: Funcionalidades do Facebook.

Avaliação das funcionalidades dos Facebook	
<i>Positivas</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente popular e familiar; • Interação aluno-aluno e aluno-professor bastante eficiente; • Possibilidade de diálogo com pessoas de todas as partes do mundo; • Suporte a vídeos, reportagens e outros links de maneira facilitada; • Praticidade de não sair de casa, do trabalho etc.; • Flexibilização do tempo; • Registro permanente das atividades e acesso a elas, promovendo avaliação contínua do processo pedagógico e da aprendizagem; • Várias funcionalidades permitem conversas: chat, post, inbox, etc.; • Compartilhamento de trabalhos, notícias e eventos
<i>Negativas</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente de entretenimento; • Facilidade de dispersão (alertas de outras páginas, amigos on-line e a própria internet); • Apego à cultura do papel; • Impossibilidade de visualização, pelo tutor/professor, da participação individual do aluno; • Qualquer participante pode começar um novo comentário, o que pode tirar o foco de uma discussão que esteja ocorrendo e deixar outros comentários inacabados; • Dificuldade de acompanhar as postagens; • Indistinção, no sinal de mensagem recebida, em relação à classificação do tipo de postagem – se acadêmica ou de entretenimento; • Mistura das postagens do curso com externas; • Dificuldade em discussões longas e teóricas; • Postagens maiores ficam com diagramação muito longa e cansativa. • Ferramenta entendida como de lazer, e não de trabalho.

Considerações finais

Que relação as questões que vimos aqui tem com as práticas de letramento – inclusive digital, na formação de professores? Que elementos são percebidos pelos participantes do curso em questão, em relação ao ambiente de “aulas” proposto pela professora? Se havia expectativas em relação ao ambiente – positivas ou negativas –, parece adequado dizer que as práticas sociais de letramento estão, já, implicadas nas representações que os alunos fazem das tecnologias com que lidarão. Grande parte dos estudantes já conhecia e já era usuária do Facebook; grande parte deles já havia usado o Moodle para ter ou dar aulas; muitos já chegavam com – e admitiam – preconceitos ligados às tecnologias.

Em um caso apenas, uma aluna disse serem importantes “familiaridade com a ferramenta, conhecimento de seu próprio estilo de aprendizagem” e apontou a existência do “preconceito contra cursos on-line”. O lado do aprendiz deve ser tão levado em consideração quanto o lado do professor (também aprendiz, ora, mas aqui atuante no papel de guia da aprendizagem). Como disse outra aluna, é necessário ter clareza quanto às orientações sobre o que vai acontecer no curso, pois qualquer ferramenta pode servir à aprendizagem. O que não se pode, segundo vários participantes, é perder o foco, distrair-se dos objetivos – que devem estar dados e claros, e pensar que, por se utilizar uma ferramenta como o Facebook, por exemplo, não seja importante acompanhar um curso e participar dele seriamente.

No entanto, era a representação contrária que parecia incomodar mais os estudantes. Era certa sensação de “intrusão” que acometia os alunos, levando-os a reprovarem a iniciativa de ter “aulas” por ali. Aulas que não se pareciam com aulas; aulas que dependiam de textos e comentários que não eram corrigidos ou monitorados; aulas em que não estava claro como atribuir notas e acompanhar frequências. A analogia ou a metáfora escola/ambiente virtual de aprendizagem já parece assimilada, marcada nas relações sociais possíveis, mas não ocorre o mesmo à analogia/metáfora escola/redes sociais.

Embora haja inúmeros trabalhos feitos e em execução sobre este tema, inclusive, especificamente, sobre usos do Facebook¹⁴ na aprendizagem, pareceu-nos importante expor uma experiência ainda instável com alunos de especialização. Instável porque em transição, e não porque ineficiente ou improdutiva. Facebook é lugar de dar aula? Mesmo para alguns, que poderiam ser considerados muito envolvidos com as tecnologias digitais, a resposta é “não”. Ou “não apenas”. A aceitação do FB como apoio é bastante mais confortável, para eles, do que como espaço único para as aulas. No entanto, esse desconforto, às vezes, parece coincidir com o desconforto da relação curso presencial/não presencial, além de também se confundir muito com os papéis trabalho/lazer que se friccionam naquele ambiente, necessariamente. Também há um desconforto geral por não sabermos todos, professores e alunos, como nos apropriar dos espaços virtuais para fazer o que queremos fazer, na tentativa bem-intencionada de aproximar prazer e estudo, escola e ludicidade. Não bastaria, portanto, tomar o Facebook emprestado para nossas aulas “de vanguarda”; nossas questões parecem residir mais no convencimento das pessoas e no redesenho¹⁵ de suas práticas do que, propriamente, no conhecimento de uma ou outra “tecnologia”.

¹⁴ É o caso, para citar apenas alguns exemplos, de Braga e Murta (2012), Vidigal e Oliveira (2012) e Weber, Santos e Santos (2012). Ferreira, Corrêa e Torres (2012) têm um trabalho sobre o uso do Facebook em um curso também de especialização, mas com resultados bem diferentes dos aqui mostrados. Araújo e Panerai (2012) trazem uma experiência de uso do Facebook e do Moodle como extensões da sala de aula presencial. Temos pensado nisso também em termos de “trabalho do professor”. Amaral e Kehl (2012) relatam e aprovam usos do Facebook também como *blended learning*, no caso específico do ensino de jornalismo digital (graduação).

¹⁵ “Redesenho”, aqui, está inspirado, um tanto ligeiramente, no texto emblemático do New London Group de 1996 (*redesign*).

Referências

AMARAL, Adriana; KEHL, Camila. Experiências de usos do Facebook como estratégia de ensino de jornalismo digital. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2012.

ARAÚJO, Renata; PANERAI, Thelma. Relato de Experiência de *Blended Learning*: O Moodle e o Facebook Como Ambientes de Extensão da Sala de Aula Presencial. XVIII WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO – WIE, *Anais...* Rio de Janeiro, 26 a 30 de novembro de 2012.

ARAÚJO, Júlio. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, PPGL, 2006.

BRAGA, Júnia de Carvalho F.; MURTA, Cláudia A. Rodrigues. Facebook: Uma experiência no ensino e aprendizagem de literatura. In: RIBEIRO, Ana Elisa; NOVAIS, Ana Elisa C. *Letramento digital em 15 cliques*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

FERREIRA, Jacques de Lima; CORRÊA, Barbara R. do Prado Gimenez; TORRES, Patrícia Lupion. O uso pedagógico da rede social Facebook. *Colabor@* (Curitiba), v. 7, p. 1-16, 2012.

PAIVA, Vera L de O. E-mail: um novo gênero textual. In: XAVIER, Antônio Carlos; MARCUSCHI, Luiz Antônio (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: A comunicação mediada pelo computador e as redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*, v. 66, n.1, spring 1996.

VIDIGAL, Cássio L.; OLIVEIRA, Davidson P. Azevedo. Facebook: uma experiência extraclasse. In: RIBEIRO, Ana Elisa; NOVAIS, Ana Elisa C. *Letramento digital em 15 cliques*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

WEBER, Aline; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa. Caiu na rede é peixe: o currículo no contexto das redes sociais. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, n. 8, p. 56-75, jul./dez. 2012.

APÊNDICE

O formulário enviado aos estudantes foi feito na ferramenta Form, do Google Disco. As perguntas quase todas eram para respostas abertas. Ao final, uma espécie de “termo de consentimento” era solicitado.

<p>Qual foi sua primeira reação à ideia? [de ter aulas no Facebook]</p> <p>O que você sentiu e pensou?</p> <p>Você sabia que a disciplina é semipresencial antes de ela começar?</p> <p>O que esperava dela?</p> <p>Onde esperava que a parte virtual acontecesse? Cite um software, se souber.</p> <p>Tente se lembrar dos porquês em relação ao que sentiu sobre cursos on-line, uso de TICs, uso do Facebook.</p> <p>À medida que o curso se desenvolveu, como você foi avaliando o uso do FB?</p> <p>Qual é sua avaliação geral sobre o uso da ferramenta nesta disciplina?</p> <p>Você usaria o FB para dar um curso virtual? Por quê?</p> <p>Que funcionalidades você acha que são adequadas e inadequadas para o uso pedagógico do FB?</p> <p>Quer comentar mais alguma coisa que lhe ocorre em relação à questão? Fique à vontade.</p> <p>Você quis participar desta discussão e das respostas a este questionário?</p> <p>Você autoriza que eu empregue estes dados em minhas pesquisas, desde que eu não cite seu nome? Isso estará sempre em segredo, seguro.</p>
--

OBRIGADA.